

O CASO DREYFUS NO ROMANCE “EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO” DE MARCEL PROUST

Alexandre Bebiano de Almeida¹

RESUMO:

Por meio de uma reconstituição do impacto do caso Dreyfus na trajetória das personagens, esta comunicação visa esclarecer o papel que este evento político desempenha na composição de “Em busca do tempo perdido”. O caso, representando um “movimento vertiginoso e inesperado da História”, como diz o narrador proustiano, conduz a uma inversão dos costumes e da sociedade representados no romance: “tudo o que era judeu, até a elegante senhora, foi lançado para baixo, e obscuros nacionalistas subiram para pegar sua posição”. Na medida em que esta experiência política participa da construção das personagens e, até mesmo, do narrador proustiano, tentamos demonstrar a importância deste acontecimento histórico para a composição mais geral do romance.

Introdução

Não é habitual vermos relacionados em estudos de teoria literária o romance *Em busca do tempo perdido*² e a História. Contribui para isso a própria organização desta obra, elaborada à distância das linhas do romance histórico e realista. O caso Dreyfus, aliás, seria um dos episódios que motivaria certa repulsa proustiana do realismo. Assim, no último volume da *Recherche*, quando o narrador-protagonista decide escrever o romance de sua vida, após todos os anos de busca — os primeiros episódios representados no romance datam aproximadamente de 1870 e os últimos, de 1920 —, ele próprio afirma que não possui nenhum apego pelas correntes estéticas surgidas com o caso Dreyfus:

Je sentais que je n'aurais pas à m'embarrasser des diverses théories littéraires qui m'avaient un moment troublé – notamment celles que la critique avait développées au moment de l'affaire Dreyfus et avait reprises pendant la guerre, et qui tendaient à “faire sortir l'artiste de sa tour d'ivoire” et à traiter de sujets non frivoles ni sentimentaux, mais peignant de de grands mouvements ouvriers et à défaut de doubles à tout le moins non

¹ Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). End. eletrônico: bebiano@usp.br

² Doravante chamado simplesmente como *Recherche* no corpo do texto. A fim de facilitar a localização das citações do romance de Proust, as citações entre parênteses no corpo do texto fazem referência aos volumes da *Recherche* de maneira abreviada: *À l'ombre de jeunes filles en fleur* (JF); *Du côté de Guermantes*; *Sodome et Gomorrhe* (SG); *La Prisonnière* (LP); *Le Temps retrouvé* (TR). As traduções que ocupam as notas de rodapé foram extraídas da edição da Globo e fazem referências aos volumes da *Recherche* também de maneira abreviada; no caso de indicação expressa, elas foram ajustadas para corresponderem mais perfeitamente à edição crítica mais recente da *Recherche*. Todas as demais traduções são de responsabilidade do autor do artigo.

plus d'insignifiants oisifs (...) mais de nobles intellectuel, ou des héros. (1986, TR, p. 273).³

De mais a mais, é de reconhecer que o caso não ocupa o primeiro plano do romance. É o que lembra Tadié (1971, p. 26), quando diz que, ao contrário do que acontece em *Jean Santeuil*, romance inacabado e jamais publicado por Proust no qual o caso ocupava um grande espaço:

*dans la Recherche, l'Affaire, en même temps que le rôle du narrateur y devient très minime, n'est plus décrite que dans ses reflets, telle que la voient les divers personnages, et dans l'influence qu'elle a sur leur comportement; ce n'est plus un souvenir, c'est un événement romanesque; elle n'agit plus sur les rides des hommes, mais sur celles des personnages. Et Proust, dreyfusard enthousiaste, s'est effacé.*⁴

Isso posto, por que estudar o caso Dreyfus no romance de Proust? Esta comunicação tenta mostrar que, ao contrário do que uma primeira impressão poderia dizer, este evento histórico ocupa uma posição importante no romance. Diga-se da passagem que Proust jamais tomou como indigno de estima a crise política desencadeada pela condenação do oficial de origem judia, e que configurou um dos momentos decisivos dos primeiros anos da III República. Pelo contrário, vamos encontrar Proust junto às fileiras dos que, desde a primeira hora, tomaram a defesa do militar e assinaram petições para a revisão do processo.

De uma posição menor ou discreta no interior da *Recherche* não decorre, a nossos olhos, que o caso tenha um papel desimportante em sua economia narrativa; pelo contrário, a *Recherche* parece reservar ao caso papéis importantes, ainda que difíceis de serem descritos. Afinal, esta descrição parece pedir um leitor atento, paciente, disposto a amarrar todos os pequenos detalhes que compõem o romance proustiano. É de notar que, de acordo com Antonio Candido (2001, p. 128), o realismo proustiano seria constituído de uma série de fragmentos, de tal forma que somente vamos obtendo uma imagem da realidade ao amarrarmos estes dados esparsos, tal “como números ligados pela ponta do lápis vão delineando uma figura nos livros infantis”.

1 O caso Dreyfus na *Recherche*

Se tentarmos resumir de maneira didática os papéis que o caso desempenha na composição da *Recherche* para que possamos analisá-los um a um — e podemos recorrer para a determinação deles a estudos como os de Carassus (1971), Hassine (1998) e Bouillaguet (1998, 2000) —, podemos dizer que o caso é utilizado no romance de Proust para: representar de maneira emblemática uma sociedade, desmascarar signos sociais deste universo e,

³ “Sentia que não deveria me preocupar com as diversas teorias literárias que por um momento tinham me perturbado — notadamente as desenvolvidas pela crítica durante a questão Dreyfus e retomadas durante a guerra e que tendiam a ‘fazer o artista sair da torre de marfim’, a não tratar de assuntos frívolos ou sentimentais, mais pintar grandes movimentos operários e, em falta de massas, ao menos nunca ociosos insignificantes (...), mas nobres intelectuais, ou heróis.” (2001, TR, p. 160)

⁴ “na *Recherche*, ao mesmo tempo em que o papel do narrador se torna mínimo, o caso é descrito somente por seus reflexos, tal como o vêem as diversas personagens, e pela influência que ele tem sobre o comportamento delas; não é mais uma lembrança, é um evento romanesco; ele não age mais sobre a face dos homens, mas sobre a de personagens. E Proust, dreyfusard entusiasta, apagou-se. (...)”

finalmente, indicar o escoamento inflexível do tempo. Mas é quase desnecessário dizer que estes aspectos do caso não aparecem jamais representados separadamente no tecido narrativo da *Recherche* e que apenas, portanto, o esforço de análise pode recortá-los do interior do movimento que anima a vasta matéria do romance. Para o encaminhamento da exposição, gostaria de chamar atenção, num primeiro momento, para esta função de desmascarador social que o caso desempenha no romance, para, em seguida, vermos de que maneira o caso pode servir para representar a sociedade mundana e a passagem do tempo.

2 A ilusão do pensador

O caso Dreyfus, à semelhança do amor e da arte, é, para o narrador-protagonista da *Recherche*, uma daquelas fontes inesgotáveis de ilusões, de mal-entendidos e de frustrações. À maneira de nossos juízos sobre o amor, a arte e a realidade, nossos juízos sobre o caso seriam sempre incompletos, parciais e, mesmo, equivocados, não só porque jamais abarcamos todas as virtualidades no espaço e no tempo daquilo que queríamos compreender e limitamo-nos, assim, a apenas um dos seus aspectos, mas também porque nossos juízos seriam sempre guiados por impulsos inconscientes estranhos à nossa inteligência:

Quand les systèmes philosophiques qui contiennent le plus de vérité sont dictés à leurs auteurs, en dernière analyse, par une raison de sentiment, comment supposer que dans une simple affaire politique comme l'affaire Dreyfus, des raisons de ce genre ne puissent, à l'insu du raisonneur, gouverner sa raison. (1987, CG I, p. 393-394)⁵

3 O tempo e suas marcas

Mas o narrador parece se valer do caso Dreyfus não só para desmarcar ilusões psicológicas e sociais. Ele se serve do caso igualmente para demonstrar um traço importante de sua construção artística — o efeito da passagem do tempo sobre os homens e sobre a sociedade. Com efeito, o caso serve como um exemplo de um movimento radical e vertiginoso no interior da sociedade freqüentada pelo protagonista, um movimento da História que faz com que a sociedade dos Guermantes, a aristocracia que tanto encanta Marcel, e o clã dos Verdurin, a burguesia de horizonte estreito que o narrador tanto desconsidera, sofram transformações radicais. A evocação das caso, objeto de discussões e paixões ardorosas em uma época e vítima do esquecimento em outra, serve para mostrar como a personalidade das personagens é atingida de uma maneira extraordinária pelo tempo. À medida que o tempo escoar (e que as páginas do romance avolumam-se), revela-se o caráter transitório da personalidade das personagens. Enfim, o caso Dreyfus constitui um elemento importante da fatura artística do romance pelo fato de que, por meio de sua evocação, o narrador parece sugerir não só a passagem do tempo — em 1920, mesmo para o professor universitário

⁵ “Quando os sistemas filosóficos que contêm mais verdade são ditados a seus autores, em última análise, por uma razão de sentimento, como supor que numa simples questão política, como a questão dreyfus, razões desse gênero não possam, sem que o saibam o raciocinador, governar-lhe a razão? (2000, CG, p. 266)

Brichot, o caso Dreyfus faz parte de tempos “pré-históricos” (1986, TR, p. 94)—, mas também a pátina causada pelo curso da História sobre as personagens do romance.

O caso Dreyfus acarreta uma mudança na sociedade freqüentada pelo narrador; ou ainda, tal como ele diz, à semelhança do efeito de um giro sobre um caleidoscópio, o caso se encarrega de reorganizar esta sociedade sob novos critérios, a saber: “Tout ce qui était juif passa en bas, et des nationalistes obscurs montèrent prendre sa place” (1987, JF I, p. 184-5).⁶ É o momento de lembrar que o romance se divide, de início, entre dois mundos bem distintos (e que parecem se tocar apenas de maneira imprevista neste primeiro momento): de um lado, a ascendência e o brilhantismo do espírito Guermantes representado pelos nobres; de outro, o espírito estreito e vulgar dos burgueses representados pelo salão da senhora Verdurin. Contudo, no fim, vemos que estes dois mundos, tão distintos inicialmente, juntam-se para estabelecer um mundo comum, ordinário e esnobe, representado pelo casamento da senhora Verdurin com o príncipe de Guermantes. Assim, no tempo de infância do narrador, todos aqueles que participam da sociedade eram conservadores, e jamais se recebiam radicais em ambientes mundanos (1987, JF I, p. 184-5). A crise política desencadeada pelo caso Dreyfus vincula-se a este espírito contrário a radicais, judeus e republicanos natural à sociedade mundana. Durante o caso Dreyfus, tal como lembra o narrador no trecho citado, o salão mais brilhante não foi o de um mundano liberal ligado às artes, mas o de um príncipe austríaco ultra-católico, o príncipe de Guermantes. Esta sociedade mundana, para continuarmos a seguir o narrador, nutre a crença de que a rigidez dos salões mundanos “était une chose qui durerait toujours, comme les lampes à huile et les omnibus à chevaux” (JF I, p. 184-5) e que o tempo jamais os alcançaria em suas gostos, convicções e costumes; esta sociedade jamais concebe, portanto, uma revolução no tempo que fará com que os radicais sejam recebidos em salões elegantes e que os oportunistas de então considerados um dia velhos mundanos. Um dos elementos que conduz a esta reforma geral da sociedade seria o caso Dreyfus. Vejamos agora de que maneira esta sociedade pôde reagir às mudanças vindas com o tempo.

3.1 No caminho dos Guermantes

As opiniões dos Guermantes sobre o caso não deixam de ser curiosas: todos eles parecem manter sua opinião contrária à campanha revisionista mais por força da sociedade que eles freqüentam e na qual são, de certa forma, os astros principais e modelares, do que por convicções interiores. É o que parece sugerir a duquesa — que se proclama contrária a Dreyfus, seja ele culpado ou não (1987, CG, p. 244)—, quando, junto ao salão ultra-católico do príncipe, ela não só teme apertar a mão de Swann, um amigo íntimo que ela acabara de receber em casa, mas também alardeia a todos os presentes, por meio de seu marido, sua decepção com relação a esse seu amigo. Afinal, ela e seu marido jamais poderiam imaginar que um homem mundano como ele, recebido pelos Guermantes e por príncipes de toda a Europa com tanta cordialidade e gratitude, poderia traí-los e mostrar-se um partisan de Dreyfus (1987, SG I, p. 150) — tal como se, aos seus olhos, tomar partido no caso não fosse uma questão judicial relativa a ideais como justiça e igualdade, mas uma maneira de se comportar em sociedade. Diga-se de passagem, tal como ficaremos sabendo mais tarde pelo

⁶ “Tudo quanto era judeu passou para baixo, até a elegante dama, e nacionalistas obscuros subiram para ocupar seu lugar.” (1999, JF, p. 84)

narrador, o duque, sempre atirado às mulheres, se convertirá, três semanas depois, à causa de Dreyfus, não pelo impulso de suas convicções, mas pelo impulso de três damas charmosas, uma princesa italiana e suas duas cunhadas, a quem ele fazia a corte durante uma passagem numa estação balneária (SG I, p. 217-8).

Esta disposição volúvel também vamos encontrar em outro Guermantes, o marquês de Saint-Loup. A personagem aparece de início como uma pessoa inclinada, não à força das ações, mas a das idéias. Em seu primeiro encontro com o protagonista, em Balbec, ele se declara contrário aos valores aristocráticos representados por sua família e inclinado a passar horas estudando Proudhon. “C’était un de ces ‘intellectuels’ prompts à l’admiration qui s’enferment dans un livre, soucieux seulement de la haute pensée” (1987, JF II, p. 109).⁷ Para o assombro de Françoise, a criada responsável pelos serviços domésticos na família do protagonista, o marquês declara-se mesmo republicano (1987, JF II, p. 161) e, contrariando a grande maioria de seus amigos de regimento, ele acredita que houve um erro no julgamento de Dreyfus e mostra-se partidário da revisão do caso (1987, CG I, p. 180). Mais tarde, depois que Saint-Loup rompe com sua amante devido a pressões familiares, em meio à recepção do príncipe Guermantes, vamos encontrar a personagem curada dos males da idealização da literatura e do amor; afinal, tal como explica o narrador:

En réalité l’amour de Robert pour les Lettres n’avait rien de profond, n’émanait pas de sa vraie nature, il n’était qu’un dérivé de son amour pour Rachel, et il s’était effacé de celui-ci (...). (1989, SG I, p. 169)⁸

Neste momento, ficamos sabendo que Saint-Loup não é mais um dreyfusard. Pelo contrário, diante de um Swann e do protagonista que lhe convidam a discutir a campanha revisionista, Saint-Loup declara-se arrependido de ter um dia participado deste movimento e proclama-se “um soldado, e antes de tudo para o exército” (1989, SG I, p. 171), abandonando sem mais Swann, personagem de origem judia, com o protagonista. Esta não será a última das reviravoltas da personagem, mas, sem dúvida, é uma daquelas que mais nos mostra quais os interesses particulares podem se ocultar atrás dos partidários de Dreyfus. O apego do marquês à causa de Dreyfus não emanava de convicções próprias, mas se confundia com sua excêntrica paixão por Raquel, uma ex-prostituta que se tornará, com a ajuda do próprio Saint-Loup, uma atriz importante; era sua amante que lhe comunicava o gosto da poesia, da música, do teatro e lhe ensinava que ser dreyfusista era dar ares de portar inteligência e cultura.

O príncipe de Guermantes faz figura em seu salão de um anti-dreyfusard severo e inflexível, e parece mesmo não temer se aproximar do anti-semitismo; é o que sugere Swann ao herói do romance pouco antes de os dois partirem para a recepção oferecida pelo príncipe. O pai de Gilberte evoca uma anedota dos tempos em que o príncipe era oficial, pela qual ficamos sabendo que, mesmo sofrendo de uma dor de dentes terrível, o príncipe recusou-se a ser atendido pelo único dentista da região, simplesmente porque este era judeu (1987, CG II, p. 348). O anti-semitismo do príncipe, de que faz prova esta anedota, remete-nos ao barão de Guermantes, quando este diz a Marcel que não julga Dreyfus um traidor da pátria, uma vez que, sendo judeu, ele jamais poderia ser tomado como um francês (1987, CG I, p. 384. Mas,

⁷ “Era um desses ‘intellectuais’ prontos à admiração, que se encerram num livro, preocupados somente com o alto pensamento.” (1999, JF, p. 273, tradução corrigida)

⁸ “Na realidade, o amor de Robert pelas Letras não tinha nada de profundo, não emanava de sua verdadeira natureza, não era nada mais que um derivado de seu amor por Raquel, e tinha se apagado com este (...).” (2001, SG, p. 100, tradução corrigida)

dito isso, e para espanto de todos os leitores da *Recherche* que esperam, durante a recepção oferecida pelo príncipe, uma áspera altercação entre o ultra-católico representante dos Guermantes e um Swann dos mais radicais na defesa de Dreyfus, ficamos sabendo que o príncipe e sua mulher, ocultando isso há muito tempo de seus próximos, confessam-se inclinados à causa de Dreyfus, duvidando há muito de sua culpa; assim, embora eles não façam prova disso publicamente, pedem regularmente que sejam rezadas missas em nome do condenado (1987, SG I, p. 182-3).

3.2 No caminho de Swann

Do lado burguês, as opiniões sobre o caso não encerram menos contradições. O caso divide a própria família do protagonista. Afinal, seu pai, um anti-dreyfusard severo, chega a não falar com seu filho durante oito dias depois de ficar sabendo que ele tinha assinado uma moção revisionista (1987, CG I, p. 230). Mais à frente, numa passagem breve, o narrador diz mesmo que, por conta do affaire, chegou mesmo a duelar inúmeras vezes “sem nenhum temor” (1987, SG I, p. 71).

A personagem de Charles Swann, de origem judia e que, ao longo da *Recherche*, sempre faz prova de tato, gentileza e mundanismo e que, graças a isso, torna-se freqüentador dos salões nobres mais elegantes e membro dos círculos mais fechados como a sociedade do Jockey Club, tem seu sucesso social diminuído não só pelo seu casamento com uma cocote, mas também por sua opinião com relação ao caso. Swann, no final de sua vida, defendendo a causa de Dreyfus, admite o narrador da *Recherche*, retorna à mesma ingenuidade de que ele fez prova em sua relação com Odete. Assim, ele acredita que todos os Guermantes são contra Dreyfus, porque o anti-semitismo seria uma herança atávica desta família. No auge do caso, esse homem dos mais mundanos e dos mais inteligentes que o protagonista jamais conheceu comporta-se de maneira grosseira diante dos elegantes contrários à causa revisionista e não hesita dizer em voz alta, em meio a jantares no fauborg Saint Germain, se ele via sua mulher sendo apresentada a alguma senhora conservadora: “Mais voyons, Odette, vous êtes folle. Je vous prie de rester tranquille. Ce serait une platitude de votre part de vous faire présenter à des antisémites. Je vous le défends” (1987, SG I, p. 225-6).⁹

Sua esposa, por sua vez, disposta a arregimentar membros para seu salão, ignora as opiniões do marido e faz prova de um ardente nacionalismo — o que lhe garante o reconhecimento da gente mundana, mas não dos Guermantes, como a duquesa ou o marquês de Saint-Loup: “Je ne veux pas que ma mère me présente à Mme Swann, me dit Saint-Loup. C’est une ancienne grue. Son mari est juif et elle nous le fait au nationalisme” (1987, CG I, p. 357).¹⁰ A senhora Verdurin, embora uma época tivesse deixado aflorar um antisemitismo burguês e latente, tal como lembra o narrador (1987, CG I, p. 344) — toma uma posição contrária à senhora Swann; ele tenta formar um salão, não de gente conservadora, mas de radicais mundanos; trata-se do primeiro salão a reunir republicanos, radicais e judeus, como Picquart, Zola, Reinach, Labori, Clemenceau — o que, de resto, uma vez que um salão

⁹ “Que é isso, Odette, está louca? Peço-lhe que fique quieta. Seria uma baixeza de sua parte fazer-se apresentar a anti-semitas, eu o proíbo.” (2001, SG, p. 146)

¹⁰ “Não quero que minha mãe me apresente à senhora Swann. É uma antiga prostituta. Seu marido é judeu e ele nos impinge nacionalismo” (2000, CG, p. 237)

dreyfusista aparecia neste momento tão impossível quanto outrora poderia ter sido “um salão de partidários da comuna” (1987, SG I, p. 222), não promoveu seu sucesso mundano, mas, pelo contrário, breiou sua ascensão durante algum tempo.

4 O esquecimento

Mas o papel mais difícil a descrever desempenhado pelo caso Dreyfus na *Recherche* não se liga nem ao desmacaramento social nem à evocação de uma época. Ele se liga à consumação da passagem do tempo, ou, mais precisamente, ao esquecimento de que ele será vítima quinze anos depois de sua explosão. O caso, outrora um objeto de interesse e de paixões ardorosas, encontra-se no fim da *Recherche* do lado da ignorância e dos erros próprios das coisas do passado: o senhor Bontemps terá sido um dreyfusard? Quem terá sido dreyfusard? Quem não o foi, visto que todos hoje o são? Depois de sua vitória política e do passar dos anos, o dreyfusismo e os dreyfusards não são mais associados à anarquia, ao antipatriotismo e à irreligião, mas revelam-se “integrados à uma série de coisas respeitáveis e habituais” (1986, TR, p. 93). Nesse sentido, a sociedade, aparentemente em plena decomposição, pintada pelo narrador no último volume da *Recherche*, pode aparecer como um aparelho de cooptação. Este aparelho gosta de apreciar as novidades, de as rejeitar e desdenhar de início porque elas ferem seu rígido e imutável padrão de gosto, mas, uma vez estas novidades assimiladas e neutralizadas pela instauração de um novo hábito mundano, o aparelho pode absorvê-las sem nenhuma dificuldade. É que ocorre com o dreyfusismo, com o casamento entre Saint-Loup e Gilberte, mas também com Bloch ou com o protagonista, outrora burgueses estranhos aos Guermantes, mas, por fim, membros íntimos de seus salões. De início, esta sociedade pode se assombrar com o casamento de um marquês de Guermantes com a filha de um judeu e de uma cocote, mas “maintenant qu’on voyait chez les Saint-Loup tous les gens ‘qu’on connaissait’, Gilberte aurait pu avoir les mœurs d’Odette elle-même que, malgré cela, on y serait ‘allé’ et qu’on eût approuvé Gilberte de blâmer comme une douairière des nouveautés morales non assimilées” (1986, TR, p. 94).¹¹ Assim, à maneira de um organismo digestivo batalhando inflexivelmente por sua sobrevivência (“Oui, c’est cela, nous ferons clan! nous ferons clan! J’aime cette jeunesse si intelligente, si participante, ah!” (1986, TR, p. 391)¹², dirá a princesa de Guermantes, outrora madame Verdurin), a sociedade mundana, para o narrador da *Recherche*, aparece como uma instituição de aliciamento — e toda as suas personagens como esnobes na áspera guerra da escalada social.

Conclusão

Pode-se concluir que, no romance, a gente mundana caracteriza-se não só por nítidos padrões de gosto que os tornam tão distintos dos demais. O comportamento dos mundanos

¹¹ “agora que se encontrava em casa dos Saint-Loup toda gente ‘conhecida’, ainda que Gilberte mantivesse os mesmos mesmos antigos hábitos de sua mãe, apesar disso, todos a freqüentariam e lhe aprovariam as censuras de guarda de alfândega às novidades morais ainda não assimiladas” (2001, TR, p. 38, tradução corrigida)

¹² “Nós faremos clã! Eu adoro esta juventude tão inteligente, tão participante, ah!” (2001, TR, p. 239, tradução corrigida)

seria caracterizado também pela conveniência, única regra que parece governar a vida desta camada dominante e que faz com que eles sejam vítimas fáceis do esquecimento e capazes de tremendos atos de frieza. Assim, para que não sejam privados do jantar oferecido pelo príncipe, o duque de Guermantes é obrigado a dissimular a morte de seu primo (1987, CG I, p. 355-6), e a duquesa, neste mesmo momento, a fazer pouco caso do anúncio da doença de seu amigo Swann; da mesma maneira, o falecimento de uma amiga íntima da senhora Verdurin, a princesa Sherbatoff, deve ser ignorada por ela e por seus próximos para que não seja perturbado o clima de uma de suas recepções mundanas (1984, LP, p. 340-1). Esta atitude do esnobe diante da memória, da dor e da morte denuncia ao narrador não só as injustiças e as crueldades de que fazem prova a gente mundana, mas também as regras de conveniência que orientam seu comportamento. Assim é que esse narrador, mesmo tão familiarizado com a vida mundana dos de cima, em meio às vicissitudes de seus pensamentos, podia se perguntar vez ou outra, jamais perdendo o ponto de vista dos de baixo, e não se incluindo então no próprio festim desses animais maravilhosos que são os esnobes em uma reunião convocada pela senhora Verdurin, mais tarde princesa de Guermantes: “une grande question sociale, de savoir si la paroi de verre protégea toujours le festin des bêtes merveilleuses et si les gens obscurs qui regardent avidement dans la nuit ne viendront pas les cueillir dans leur aquarium et les manger” (1987, JF, p. 51)¹³.

Se o caso Dreyfus realiza uma revolução nessa sociedade, se ele a faz girar como um “caleidoscópio social” e acelera, ou breca, a ascensão dos alpinistas sociais, um outro evento social, “uma guerra com a Alemanha” (1987, JF I, p. 185), tal como lembra o narrador, poderia produzir efeito semelhante. Com a imagem do caleidoscópio social, que ora gira num sentido, que ora gira em outro, o narrador parece sugerir então que, se esta camada dominante da sociedade é perturbada e agitada por grandes movimentos em seu interior, ela jamais parece sofrer uma radical mudança em sua base. De sorte que o narrador pode se assustar, no fim do romance, com o reencontro das mesmas palavras e dos mesmos diálogos de fundo conservador que ele escutava nos salões de outrora, mas agora pronunciados pelos radicais do passado (1986, TR, p. 97).

Para o narrador da *Recherche*, as conversas nos salões, assim como as personalidades mundanas, seriam uma espécie de registro da bolsa de valores dos gostos, das inclinações e das modas de uma sociedade.

Dans une certaine mesure, les manifestations mondaines – fort inférieures aux mouvements artistiques, aux crises politiques, à l’évolution qui porte le goût public vers le théâtre d’idées, puis vers la peinture impressionniste, puis vers la musique allemande et complexe, puis vers la musique russe et simple, ou vers les idées sociales, les idées de justice, la réaction religieuse, le sursaut patriotique – en sont cependant le reflet lointain, brisé, incertain, trouble, changeant. De sorte que même les salons ne peuvent être dépeints dans une immobilité statique qui a pu convenir jusqu’ici à l’étude des caractères, lesquels devront, eux aussi, être comme entraînés dans un mouvement quasi historique. (1987, SG I, p. 220)¹⁴

¹³ “uma grande questão social, saber se a parede de vidro protegerá para sempre o festim dos animais maravilhosos e se a gente obscura que olha avidamente de dentro da noite não virá colhê-los em seu aquário e devorá-los”. (1999, JF, p. 229)

¹⁴ “Em certa medida, as manifestações mundanas — muita inferiores aos movimentos artísticos, às crises políticas, à evolução que leva o gosto público para o teatro de idéias, depois para a pintura impressionista, depois

É assim que, até mesmo as tiradas mais espirituosas da duquesa de Guermantes apareciam, aos olhos do narrador da *Recherche*, como um reflexo de tendências sociais mais profundas, forças que Oriane, no seu desejo de brilhar no salão, só poderia ignorar a existência.

REFEFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUILLAGUET, Annick. Marcel Proust devant l’Affaire Dreyfus. **Bulletin Marcel Proust**, no. 48, p. 30-41, 1998.

BOUILLAGUET, Annick. **Proust lecteur de Balzac et de Flaubert**. Paris: Honoré Champion, 2000.

CANDIDO, Antonio. Realidade e realismo (via Marcel Proust). **Recortes**. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 119-128.

CARASSUS, Emilien. L’Affaire Dreyfus et l’espace romanesque. **Revue d’Histoire Littéraire de la France**, Paris, no. 5-6, p. 842-860, 1971.

HASSINE, Juliette. “L’Écriture de l’affaire Dreyfus dans l’oeuvre de Proust”. In: **Les intellectuels face à l’affaire Dreyfus alors et aujourd’hui**. Actes du colloque de l’Université Bar-Ilan, Israël, 13-15 décembre 1994. Paris, Montréal: l’Harmattan, 1998, p. 243-257.

PROUST, Marcel. **À l’ombre de jeunes filles en fleurs I**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Danièle Gasiglia-Laster. Paris: Flammarion, 1987.

PROUST, Marcel. **À l’ombre de jeunes filles en fleurs II**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Danièle Gasiglia-Laster. Paris: Flammarion, 1987.

PROUST, Marcel. **À sombra das raparigas em flor**. Tradução de Mário Quintana. 14ª ed., rev. São Paulo: Globo, 1999.

PROUST, Marcel. **La Prisonnière**. Édition du texte par Jean Milly. 3ª ed. revue et mise à jour. Paris: Flammarion, 1984.

PROUST, Marcel. **Le Côte de Guermantes I**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Elyane Dezon-Jones. Paris: Flammarion, 1987.

PROUST, Marcel. **Le Côte de Guermantes II**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Elyane Dezon-Jones. Paris: Flammarion, 1987.

PROUST, Marcel. **Le Temps retrouvé**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Bernard Brun. Paris: Flammarion, 1986.

para a música alemã e complexa, depois para a música russa e simples, ou para as idéias sociais, para as idéias de justiça, para a reação religiosa, para a exaltação patriótica — são, no entanto, o seu reflexo longínquo, quebrado, indeciso, turvo, mutável. De sorte que nem mesmo os salões podem ser pintados numa imobilidade estática que até agora pode convir ao estudo dos caracteres, os quais também deverão, eles também, ser como que arrastados num movimento quase histórico.” (2001, SG, p. 141)

PROUST, Marcel. **O Caminho de Guermantes**. Tradução Mário Quintana. 12a ed., rev. São Paulo: Globo, 2000.

PROUST, Marcel. **O Tempo redescoberto**. Tradução de Lúcia Miguel Pereira. 14ª ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.

PROUST, Marcel. **Sodoma e Gomorra**. Tradução de Mário Quintana. 15ª ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.

PROUST, Marcel. **Sodome et Gomorrhe I**. Édition réalisée sous la direction de Jean Milly. Édition du texte par Emily Eells-Ogée. Paris: Flammarion, 1987.

TADIÉ, Jean-Yves. **Proust et le roman**: essai sur les formes et techniques du roman dans *A la recherche du temps perdu*. France: Gallimard, 1971.